

*Motivação ou cooperação*  
*Afinal, por que se trabalha?*



[ Um dis-curso sobre o trabalho e a qualidade de vida ]



Wilson Britto

*Motivação ou cooperação*  
*Afinal, por que se trabalha?*



[ Um dis-curso sobre o trabalho e a qualidade de vida ]

© 2012. Britto, Wilson. Todos os direitos reservados para Entrelinhas Editora.

EDITORA

Maria Teresa Carrión Carracedo

PRODUÇÃO GRÁFICA

Ricardo Miguel Carrión Carracedo

CAPA

Helton Bastos

DIAGRAMAÇÃO

Ronaldo Guarim Taques

REVISÃO

Henriette Marcey Zanini

FOTOS

CAPA: Rene Burri | Magnum Photos | Latinstock

DETALHES DE ABERTURA DE CAPÍTULO: Filmfoto | Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Britto, Wilson

Motivação ou cooperação : afinal, por que se trabalha? : [um dis-curso sobre o trabalho e a qualidade de vida] / Wilson Britto. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2012.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7992-023-3

1. Filosofia 2. Gestão empresarial 3. Motivação (Psicologia) 4. Psicologia 5. Qualidade de vida no trabalho 6. Sociologia I. Título.

12-00176

CDD-158.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Motivação : Qualidade de vida no trabalho : Psicologia aplicada 158.7

 entrelinhas

Av. Senador Metello, 3773 | Jardim Cuiabá  
CEP 78030-005 | Cuiabá/MT

Telefax: 65 3624 5294 / 3624 8711 | editora@entrelinhaseditora.com.br  
www.entrelinhaseditora.com.br

*Dedicado àqueles que têm um “real interesse”  
pela área de Recursos Humanos nas organizações.*



*“As formigas abolinadas em  
um tronco de árvore descem  
correnteza abaixo em um rio  
caudaloso e creem que estão  
conduzindo o tronco”.*

*Da sabedoria dos índios moicanos*





# Apresentação

**W**ilson Britto passou e ainda passa a maior parte de seu tempo observando, pesquisando, analisando o comportamento dos indivíduos em família, na sociedade, no trabalho. Sempre houve de sua parte uma preocupação em estudar as pessoas: suas atitudes, relacionamentos, conflitos, sucessos, fracassos, crescimento pessoal, profissional, como seres humanos. Sempre com o propósito de ajudar.

De suas reflexões surgiram dúvidas, questões, indagações. Dessas indagações de cunho existencial, duas julgo oportuno destacar: Por que as pessoas, de modo geral, sofrem tanto, são infelizes, incompletas, principalmente em se tratando do tema “trabalho”? Por que tamanha inconsciência sobre o trabalho e sua importância na vida das pessoas? Ele obteve suas respostas, e parte delas encontra-se nesta obra.

Acredito que tais questões surgiram já em sua infância. De família humilde, habitando em local quase desumano – que hoje denominaríamos favela –, teve a oportunidade de pessoalmente vivenciar muitas das situações conflituosas que o trabalho comumente produz. Com estudo e muito empenho, conseguiu superar todos esses desconfortos que a vida às vezes nos traz. Hoje, como filosofia de vida, adota a ideia de que o indivíduo deve possuir o “limite do necessário”. Não é favorável ao acúmulo de bens, porém também prega que devemos ter o necessário e suficiente para viver de maneira digna e confortável.

Wilson Britto vem atuando há anos como consultor, conselheiro em várias empresas. Dentre elas o Grupo Canopus, do qual me orgulho de ser presidente fundador. Durante vinte anos, temos tido a oportunidade de contar com sua presença como consultor, conselheiro, amigo e companheiro. Seus conselhos sempre foram direcionados para o crescimento e desenvolvimento das organizações em todos os aspectos, principalmente em seu aspecto humano.

Com seus estudos, leituras, pesquisas, com sua espiritualidade, conseguiu respostas para muitas das questões existenciais que envolvem a vida dos seres humanos, principalmente no que tange ao trabalho e qualidade de vida. Ele consegue transmitir conceitos que possibilitam às pessoas viver em harmonia consigo mesmas, com o próximo, com o Universo.

Sinto-me honrado e agradecido pela oportunidade de apresentar Wilson Britto e esta obra, onde ele procura nos proporcionar respostas para indagações de grande significado: “Afinal, por que se trabalha?” – pois o trabalho significa o que viemos fazer neste mundo –; “Por que os diretores não cantam?” – esta questão representa o conflito entre a autorrealização e a qualidade de vida –; e “O que aconteceu?” – por que o sorriso, a graça da criança, perde lugar ao semblante triste, estressado, do adulto?

Caro leitor, aproveite bem esta obra, porque, além de ser uma viagem pelo mundo do trabalho e da qualidade de vida, também é uma reflexão e um rico aprendizado sobre nossa existência. E tenho a certeza de que, no término da leitura, você se sentirá muito melhor, com a certeza de que Deus, o Grande Arquiteto do Universo, necessita de todos nós para dar continuidade à Sua Obra. A partir desta consciência uma nova harmonia existirá entre você, digo, nós e o trabalho.

Tenho a certeza de que esta obra será um sucesso pela maneira diferente como o autor trata o tema. É diferente de tudo que já li a respeito.

*Marcos Roberto Cruz*

Diretor-presidente e fundador do Grupo Canopus

# Prólogo

Uma indagação colocada por mim em meu livro *Um homem mau: aquele que encontrou a liberdade, a paz e a felicidade*, agora exige resposta. Em um de seus primeiros livros, Abraham Maslow apresenta na primeira página duas fotografias: na primeira havia um grupo de crianças em um berçário, alegres, felizes, com uma bela expressão. A segunda fotografia exibia outro grupo, de pessoas adultas, em um metrô de Nova York, amontoadas, estressadas, desalentadas, estampando na face um triste semblante. Abaixo havia uma pergunta: “O que aconteceu?”. Maslow, através de estudos sobre o trabalho, passou o resto de sua vida tentando responder a essa indagação.

Uma segunda indagação: durante anos, em meus contatos com organizações de diferentes portes e de diferentes segmentos, algo que sempre me intrigou foi o fato de jamais ter visto um “diretor” de empresa “cantar” durante o trabalho, ao passo que pessoas simples, que ocupam nas organizações postos na base da pirâmide, cantam. Por que um profissional que, a princípio, encontrou a autorrealização profissional, concretizou o sonho de atingir o topo da pirâmide, tem como herança a face fechada e a seriedade? Não é para estar “realmente” feliz e estampar no rosto a alegria, a espontaneidade, sua felicidade? *Por que os diretores não cantam?*

E a indagação principal: *Afinal, por que se trabalha?* Sabemos que as pessoas trabalham porque o trabalho é parte integrante de sua identidade

e estão tentando fazer algo para sua pessoa, sua família, para a comunidade. Recebem por isso. O dinheiro atende as suas necessidades. O trabalho atende ainda a outras inúmeras necessidades. Mas numa análise mais profunda sobre os motivos que levam as pessoas a trabalhar, sobre os propósitos do trabalho, o que o trabalho nos dá em troca, iremos constatar que há algo muito mais poderoso do que a troca, seja o que for. Se lidarmos com os propósitos do trabalho no nível de troca, estaremos perdendo toda a *essência* do que acontece com o ato de trabalhar.

Afinal, por que se trabalha? Somos seres viventes em busca de uma significação. O ser humano faz muitas perguntas sobre a vida. Mas a fundamental, creio, é a pergunta sobre *o que ele veio fazer nesse mundo. E a resposta está no “agir”, no trabalho, pois o agir significa “eu sou”*. As duas primeiras indagações, “O que aconteceu?” e “Por que os diretores não cantam?”, referem-se à qualidade de vida. A pergunta “Afinal, por que se trabalha?” é por demais importante, porque não é simplesmente motivacional, é *existencial*. Exige uma resposta para nossa existência nesse mundo.

O que busco nesta obra? Busco, via trabalho, respostas para essas três indagações. Simples respostas, divagações, teorias, opiniões pouco serviriam. Quero como resposta algo com consistência, vivenciado, que possa trazer uma real contribuição para a realidade que essas indagações representam. O metrô de Nova York é uma metáfora, visto sob o ângulo do trabalho, que representa o nível de qualidade de vida profissional e pessoal a que estamos sujeitos nos dias atuais: ritmo frenético, competitivo, estressante, sem sentido de vida. O fato de os diretores não cantarem demonstra que há algo de errado naquilo que se diz da autorrealização, sucesso, fama, poder, crescimento profissional.

*Há uma moralidade externa ao trabalho, constituída pelos deveres, obrigações, responsabilidades, que vai muito além do cargo e do ato do trabalho.* Crescimento profissional significa crescimento dessa moralidade. Significa crescimento dos deveres, obrigações, responsabilidades... Perda gradativa da liberdade. E se não há liberdade, não existirá a paz, não existirá a felicidade. Paz e felicidade são “apenas” conseqüências, um derivativo da liberdade.

Procuo uma resposta para os propósitos do trabalho. Mas quero uma resposta que vá além da motivação, além da moralidade, além do trabalho “abstrato”, sem sentido, pobre de significado.

Para obtenção dessas respostas tive que percorrer, durante anos e anos, um longo caminho. Passei pelos “clássicos da motivação”: explorei as ideias e teorias sobre motivação de psicólogos de renome – Skinner, David McLaren, Frederic Herzberg, Douglas McGregor e Abraham Maslow – em busca dos motivos que nos levam a trabalhar. Analisei o pensamento de antigos Mestres – Lao Tsé, Chuang Tsé –; de filósofos – Heráclito, Platão, Aristóteles, Descartes, Hume, Kant, Schopenhauer, Hegel, Nietzsche, Kierkegaard, Sartre, Mathias Aires –; de cientistas, economistas e pensadores – Darwin, Malthus, Karl Marx. Tive que me deter nos princípios universais aos quais toda e qualquer ação, todo e qualquer trabalho está subordinado – O Processo Universal dos taoístas e suas leis, a harmonia oculta de Heráclito, a dialética de Hegel, o sincronismo de Jung. Pesquisei livros sobre administração, economia, sociologia, livros sagrados – Bíblia, Fihi-Ma-Fihi, Bhagavad-Gîtâ.

Em busca de uma resposta, houve necessidade de ir além da psicologia, da economia, da administração, da religião, da filosofia ocidental. Tive que me aproximar da filosofia oriental para obter uma resposta que satisfizesse. E de posse dessas respostas, onde pretendo chegar?

Quero, inicialmente, demonstrar como aqueles elementos que integram o ato de trabalho – a motivação, a moralidade, a libido, a paixão, a crença do “fazer acontecer” e a seriedade – tolhem a liberdade e “empobrecem” o Viver. Empobrecem as pessoas em termos de qualidade de vida profissional e pessoal.

Pretendo, nesse sentido, apresentar ideias voltadas para elevar o nível de consciência, transcender, ir além desses elementos citados. Pretendo demonstrar os altos e nobres propósitos do trabalho por “tantos”, hoje, e por “mim mesmo”, durante anos, ignorados.

Quero demonstrar também que o “fazer riquezas” é um dom. Aquele que sabe fazer riquezas possui um dom como o pintor, o músico, o poeta... Produzir riquezas é um dom e isso as organizações sabem fazer muito bem. Falta “somente” um nível mais elevado de consciência social e de dignidade de vida. Acredito que quem pode em muito “melhorar” o mundo é a comunidade empresarial. Não são os políticos – esses são em sua maioria excessivamente egoístas para tal – e nem os governos. São os líderes empresariais *quando perceberem que a questão das pessoas é maior do que a empresa em si.*

Quero demonstrar que as grandes mudanças nas organizações e no trabalho necessitam de líderes comprometidos com essas mudanças. E não acredito que possa haver transformação a menos que o líder e a liderança se transformem. Esse tipo de mudança não pode vir de baixo para cima. É uma questão de liderança.

Tenho uma proposta a apresentar. Consiste em trabalhar com o “*enriquecimento do propósito do trabalho*” aliado a um melhor nível de qualidade de vida, indiferente do cargo, organização, do profissional que o executa.

Em minha proposta, a sinergia é trabalhada em um nível voltado para promover o alinhamento do núcleo de uma organização ou entidade – missão, valores e visão – com o trabalho. E também a sinergia será trabalhada em um nível mais elevado, quando se adquire a percepção de uma “realidade maior” onde todos trabalham em função de um projeto único. Onde o bem de um representa o bem dos demais. Há um relacionamento empírico possível entre o conceito de sinergia e o de boas condições de trabalho.

A inovação de minha proposta é que associando uma gestão formada por um sistema de liderança “natural” a uma “consciência” real do papel do trabalho irá proporcionar uma melhor qualidade de vida para as lideranças e aos membros de suas equipes sem comprometer o resultado pretendido pela organização.

Tenho uma crença apoiada em um propósito mais elevado para o trabalho, da riqueza por ele promovida, e de um nível mais elevado de qualidade de vida para as lideranças e os demais profissionais. *Sei que a suprema busca de todo ser humano, a busca pela liberdade, paz e felicidade pode e deve ser alcançada por meio do trabalho.*

Mas não sou um sonhador. Faço da *realidade* a base de todo o meu trabalho. Não estou propondo uma onda dos “dez passos” para isso ou aquilo. Não se trata do “como” para soluções milagrosas. Não se trata de mais um “modismo” para a área de administração. Pretendo apresentar um estudo considerado profundo, fruto de reflexões voltadas para mudanças efetivas. Conheço os desafios das mudanças; conheço a realidade que impera no trabalho abstrato em nossos dias. Sei da lentidão que existe nas grandes mudanças. Sei que algumas de minhas propostas podem ser implantadas de imediato e outras necessitarão de antecedentes que exigirão um tempo maior para maturação. Há estágios que necessariamente

precisam ser cumpridos para que a consciência sobre o trabalho, a dignidade de vida, o papel social das organizações, a liderança natural sejam atingidos. O Processo Universal que a tudo conduz tem seu próprio ritmo, seu próprio tempo, seus propósitos. Para o observador consciente, a história tudo isso demonstra. Sábio é aquele que conhecendo o princípio consegue visualizar o fim. Deus não tem pressa! Mas alguma coisa pede para ser feita agora! Por mim. Por nós.

*Wilson Britto*





Os diretores não cantam!	21
Vai e come o pão com o suor de teu rosto	37
Clássicos da motivação	47
Maslow quase chegou lá!	63
Quanto ganha um guerrilheiro?	81
O Nada de onde tudo provém	93
Qualidade de vida: verdades indesejáveis	111
O que aconteceu?	133
Além da motivação	149
Somente em clima de festa o principiar tem sentido	167
Uma Proposta	185
Minhas Crenças	197



Os diretores  
não cantam!





## Constatações

**E**stou aqui em meu sítio, *Terra Pura*, aos “pés da Mantiqueira”, sul de Minas Gerais, iniciando um livro sobre os motivos que levam as pessoas a trabalhar. Motivos, a princípio, aparentemente óbvios – e esse é o grande equívoco. Coincidentemente, ouço as vozes dos catadores de café na fazenda vizinha. É época de colheita, dezenas de pessoas serão recrutadas e depois dispensadas. Trata-se de um trabalho temporário, sofrido e sem garantias.

Enquanto colhem o café, serviço duro e ingrato, os catadores cantam. Gritam para os amigos que colhem o café a alguma distância, brincam, fazem piadas. Alguns imitam com perfeição o canto dos pássaros da região. Demonstram uma alegria que causa surpresa, pois é cedo, estamos em junho e a friagem lá fora faz do trabalho desses catadores algo ainda mais difícil.

Mas, apesar do frio, das condições do trabalho, do ganho salarial incerto – alguns trabalham somente em época de colheita – e uma vida de penúria quase extrema, pois os conheço, encontrei em meu caminho muitos deles, eles são alegres. E cantam! Por que com essa vida e esse trabalho, durante o trabalho ainda cantam? Será por que não comparam? Será por que não possuem ideais? Será por que pobre não é aquele que não possui, mas aquele que compara? Rico não é o que tem, mas aquele que não necessita?

Os estoicos, na Grécia Antiga, perceberam que a privação e o sofrimento não se originam imediatamente e necessariamente do fato do não-ter, mas sim do *querer-ter e não-ter*. O *querer-ter* é condição necessária

pela qual exclusivamente o não-ter se torna privação e provoque a dor. Reconheceram ainda os estoicos que é a esperança e a expectativa que alimentam o desejo. Assim, não são os bens inalcançáveis que inquietam e atormentam, mas somente algo de mais ou menos insignificante daquilo que se pode alcançar. Portanto, não apenas o absolutamente, mas também o relativamente inalcançável deixa-nos completamente calmos.

Ou será enfim que os catadores cantam por resignação? Não creio que por resignação seja, pois ela conduz como sombra não a alegria, o canto, mas a tristeza ou a revolta.

Possivelmente esse foi o principal motivo que me levou a mergulhar na pergunta: “Afinal, por que se trabalha?”. E, ao mesmo tempo, procurar associar o trabalho, seus motivos, com qualidade de vida profissional e pessoal.

Durante mais de trinta anos como consultor de empresas, tive a oportunidade de estar em contato e vivenciar a vida das pessoas em seus trabalhos em mais de uma centena de organizações, de pequeno, médio e grande porte. O que despertava a minha atenção é que quando entrava em uma organização, independente do seu porte ou setor, observava que muitas vezes as pessoas que faziam a faxina, preparavam o “cafezinho”, ou cuidavam das plantas no pátio ou jardim, enquanto realizavam seu trabalho cantavam. Outros profissionais que ocupavam na pirâmide a base eram mais alegres, divertidos e cantavam. Mas à medida que se subia no organograma, a graça, a diversão eram substituídas pela ansiedade, sobretudo pela seriedade. Jamais presenciei um presidente, superintendente ou diretor de uma organização cantando no trabalho. Jamais! Por quê?

Procurei incessantemente, durante minha vida profissional, por um motivo *real e aceitável* que justificasse o ato de trabalhar. Um motivo real para as pessoas trabalharem, uma verdade maior, uma *realidade maior*. Um “motivo” que justificasse o trabalho. *Era uma busca pessoal*. A busca por uma resposta era algo que muito me incomodava e acredito também que o mesmo ocorre com a maioria das pessoas que têm um mínimo de desejo por atingir a percepção de um “significado” para o trabalho e a vida. *Afinal, o trabalho é, sem nenhuma dúvida, o principal elemento que dá um significado ao nosso viver. Nossa existência.*

Procurei um motivo real, significativo, para o trabalho. É fácil constatar que para a maioria das pessoas que trabalha, ele se apresenta como um fardo, uma prisão, algo necessário, mas indesejável. Muitos não estão

contentes com o que fazem; outros trabalham por necessidade de sobreviver; para alguns o local de trabalho e os ganhos advindos com o seu trabalho deixam a desejar; outros mais, mesmo tendo atingido posições de sucesso, poder, de destaque, gozando de grandes benefícios, sentem um grande vazio; e, finalmente, há aqueles que mesmo satisfeitos com o que fazem, sentem que falta algo e não sabem o quê.

Grande e constante é a busca. Motivos mil: sobrevivência, segurança, dinheiro, sucesso, poder, crescimento, realização, o “fazer acontecer”... Muda-se de cargo, trabalho, organização, local, na vã tentativa de se realizar. *Mas o vazio persiste*. Trabalha-se pelo simples ato de trabalhar, por profissão, vocação, até “missão”, mas o vazio persiste. E se este vazio “é preenchido” durante o tempo em que se está na ativa, o fim da carreira e da saúde em geral, atinge o profissional com muita força. A ideia de aposentadoria pode equivaler à castração, senão à morte, para os homens cuja *identidade foi construída em torno do trabalho*, especialmente se a carreira foi bem-sucedida.

A suprema busca dos homens, a busca pela liberdade, paz, felicidade – leiam a graça, a serenidade –, a suprema harmonia, no trabalho não se encontra, e nem na sua ausência. Muitos creem que estando livres do trabalho seriam pessoas mais realizadas, mas a liberdade “de” é apenas metade de liberdade; há que se completar com a outra metade, a liberdade “para”, que, ironicamente, é realizada pela ação, pelo trabalho.

Essa minha “angústia”, durante anos, por não encontrar uma resposta que desse ao trabalho um real significado –“Afinal, por que se trabalha?”– associada à qualidade de vida pessoal e profissional –“O que aconteceu?”–, metáfora do metrô de Nova York, fez com que eu persistisse na busca de uma resposta. Resposta que nossos pais, líderes e educadores possivelmente não foram capazes de nos dar. Refiro-me a uma resposta satisfatória. Pelo contrário, influenciados por conceitos e princípios herdados, teimam em manter um *modus vivendi* que não satisfaz.

Nossa educação, nossa cultura, nossa moralidade do trabalho, nosso modo de conduzir as coisas, no Ocidente, recebeu uma enorme influência de filósofos gregos – Sócrates, Platão e Aristóteles – principalmente. Da igreja cristã, de cientistas e pensadores como Descartes, Darwin, Malthus, para não citar outros. Dessas fontes adquirimos princípios que influenciam enormemente nossos conceitos sobre o trabalho, nossa ma-

neira de trabalhar, o significado do trabalho em nossas vidas e os motivos que nos levam a trabalhar.

## O que é o trabalho?

Uma expedição destinada a escalar um alto pico, como o K2 ou o Everest, é composta, supostamente, com cerca de cento e vinte sete indivíduos. Cento e vinte – carregadores e outros profissionais de apoio e sete alpinistas. Cento e vinte ficarão na base do monte – leiam pirâmide –, cinco, em média, serão distribuídos em acampamentos bases montados em diferentes altitudes ao longo do percurso e, possivelmente, dois alpinistas se arriscarão a chegar ao topo da montanha. Assim é a escalada. Assim é a vida.

O que é o trabalho? Para a maioria que estará na base, o trabalho é um meio para sobreviver. O trabalho é um instrumento de defesa. Outra parcela poderá estar trabalhando por uma *moralidade do trabalho* – dever, obrigação, responsabilidade. Existem aqueles que têm o trabalho como um instrumento de *realização profissional e conquistas*. Há os que trabalham por *valores e virtudes*. Existem, finalmente, uns poucos, os raros, os desperdícios, cujo trabalho atende a um *significado maior*. Abordarei esses tópicos, mas não necessariamente agora.

## Atitude perante o trabalho

Nietzsche, filósofo alemão, usa em termos de metáforas como o “ser” na vida as figuras do leão, camelo, águia e a criança. Creio que com relação a uma atitude perante o trabalho é possível usá-las fazendo as devidas adaptações.

O modo de trabalho do profissional “leão” tem muito a ver com aquele que tem o trabalho como um instrumento de conquista, como arma de predador. Para muitos desses profissionais, as pessoas, assim como as coisas, são importantes pela sua “utilidade”; *pessoas e coisas são para serem*



*usadas*. Citando Nietzsche: “Um ser humano que luta por qualquer coisa considera praticamente todos que encontra pelo caminho como um meio, ou como um atraso ou obstáculo. Ou como um lugar de descanso temporário. A bondade que lhe é própria só é possível quando atinge a altura desejada e domina. Está condenado à comédia. Conhecerá a solidão e o que ela tem de mais perverso.”<sup>1</sup>

Há o “camelo”, trabalha para sobreviver. Nas areias escaldantes do Saara, curva-se para que em seu dorso seja colocada a pesada carga. É o trabalho “escravo”, submisso, resignado. Tem o trabalho como um pesado fardo. Há uma variação, a meu ver, do camelo: o camelo santo. Tem o trabalho como um dever, ou mesmo “missão”. Dever dos outros cuidar, o de ser responsável por tapar os buracos da estrada, o de ser um deus de plantão. Sempre a confundir caridade e piedade com a verdadeira compaixão.

O trabalhador “águia”, liberto, voa mais alto. Dedicar seu trabalho à *semente*, àquilo que veio ao mundo realizar. Existe ainda uma maneira de trabalhar da “criança”: mesmo com metas, mas sem ansiedades, sem expectativas. *Um trabalhar além da motivação, da moralidade, da missão, da doação* – guardem, por favor, este ponto. É como o construir um castelo de areia na praia: ter o trabalho como uma sincera – e não séria – *diversão*.

## Significados do trabalho

O trabalho traz para quem trabalha pequenos, médios e grandes *significados*. Pequenos significados que sustentam o ego: trabalha-se para “ser”, ter, pelo poder, pelo “fazer acontecer”... Pelo “ser necessário”, pelo reconhecimento. Pequenos significados que ilusoriamente apresentam-se como sendo grandes, pois o ego tem como mania tornar grande o que é pequeno. Pequenos significados para os que têm uma percepção do que é o viver, mas embora sendo pequenos significados, o trabalho, nesse caso, tolhe a liberdade, é cárcere, é escravidão.

O trabalho pode ser portador de médios significados: quando proporciona à vida um significado. Sim, a vida, em si, não possui nenhum propósito, nenhum sentido. É uma das verdades que o ser humano mais teima em não aceitar. A ação, o trabalho, serve para dar à vida aquilo que ela